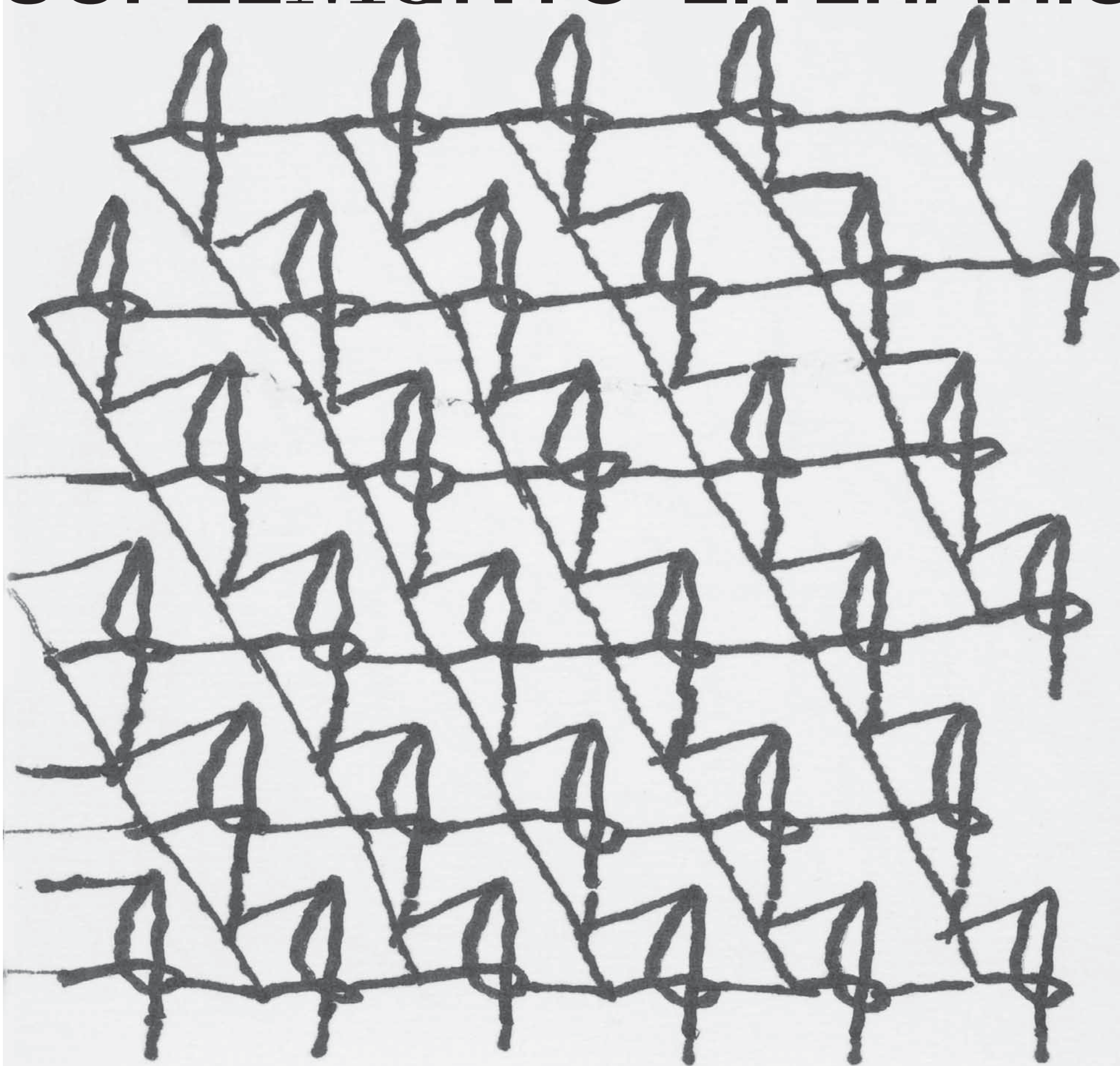


SUPLEMENTO LITERÁRIO



Belo Horizonte, Agosto/2009 • Nº 1.323 • Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais

Garimpando entre as centenas de livros de poesia que concorreram ao último Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura, um deles – que não foi o vencedor – chamou nossa atenção por sua criatividade e coragem em parodiar versos consagrados. Trata-se de *O cânone acidental*, que já no título brinca com *O cânone ocidental*, de Harold Bloom. Seu autor, mais tarde identificado como Marco Aurélio Pinotti Catalão (nome literário Marco Catalão), é um paulista de 35 anos, residente em Campinas-SP. Nesse livro, o poeta dá sua versão atualizada, bem-humorada e às vezes até furiosa de poemas clássicos de Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, Manuel Bandeira, Alphonsus de Guimaraens, Augusto dos Anjos e até mesmo de Fernando Pessoa, que tem neste número do SLMG seu famoso “Poema em linha reta” transformado em “Por linhas tortas”, na versão “catalã”.

Entre os contos, resgatamos a escritora Lucienne Samôr, de Conselheiro Lafaiete, que surgiu com impacto na década de 60 nas páginas da revista “Estória”, mas publicou um único livro, em meados da década de 70, *O olho insano* (Ed. Interlivros). Também volta o português Cunha de Leiradella, que por muitos anos viveu e escreveu em Belo Horizonte, e nos mandou de sua terra natal, para onde retornou há poucos anos, o texto “Os homens e outros”. Sérgio Fantini, com um conto, e Fabrício Marques, com um poema, também estão presentes.

E damos prosseguimento à série de capas – ou primeiras páginas – desenhadas com exclusividade para o SLMG por artistas que aqui começaram suas carreiras vitoriosas, e que teve início no número de junho com Liliâne Dardot. Agora é a vez de Ana Amélia Diniz. Nossa esperança é que novas gerações de artistas plásticos surjam, como elas, em nossas páginas, como já anunciam as ilustrações que enriquecem alguns textos aqui mostrados.



Foto: Miguel Aun
Desenho: Ana Amélia

Governador do Estado de Minas Gerais
Secretário de Estado de Cultura
Secretário Adjunto
Superintendente do SLMG
Assessor Editorial
Projeto Gráfico e Direção de Arte
Diagramação
Conselho Editorial
Equipe de Apoio
Estagiárias
Jornalista Responsável

Aécio Neves da Cunha
Paulo Brant
Estevão Fiúza
Jaime Prado Gouvêa
Fabrício Marques
Plínio Fernandes – Traço Leal
Fernando Vilasboas – Traço Leal
Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza,
Carlos Wolney Soares, Fabrício Marques
Elizabeth Neves, Aparecida Barbosa, José Augusto Silva
Geizita Mendes, Mariana Novaes, Mariana Piastrelli
Antônia Cristina De Filippo – Reg. Prof. 3590/MG

SUPLEMINTO LITERÁRIO

Textos assinados são de
responsabilidade dos autores

Suplemento Literário de Minas Gerais
Av. João Pinheiro, 342 – Anexo
30130-180 – Belo Horizonte, MG
Fone/Fax: 31 3269 1141
suplemento@cultura.mg.gov.br

Acesse o Suplemento online: www.cultura.mg.gov.br

OS HOMIENS

Conto de Cunha de Leiradella

E OS OUTROS



Todos os anos, em dezembro, a serra se cobre de neve. E, depois da neve, vem o vento. Um vento frio, cortante, que assovia pelos barrancos e congela as águas das poças e dos ribeiros. O gelo faísca nas pedras e nos galhos nus dos carvalhos, e a resina dos pinheiros brilha como verniz.

O povoado é o último da serra, já no caminho da fronteira. As casas, construídas debaixo dos penedos, não têm chaminés nem janelas. Cobertas de neve, somem nos valados, e só o

fumo das cozinhas se vê sair pelos buracos das paredes. As cabras e as ovelhas são recolhidas aos currais e os cães e os gatos dormem na cinza morna das lareiras. As mulheres fiam lã e tecem mantas de farrapos e os homens sobem a serra, caçando raposas e cabras monteses ou passando contrabando na fronteira.

Na última casa, já na saída do povoado, junto do ribeiro, dois homens aquecem-se ao fogo da lareira. Um é velho e tem a pele da cara vermelha e marcada de bexigas. Na nuca, as rugas cor de rosa formam losangos imperfeitos, e os cabelos são compridos e crespos. É alto e magro, e os olhos cor de cinza são inquietos e frios. Sentado no banco de madeira, ao lado do companheiro, mexe constantemente na lareira com a vareta da espingarda. O outro homem ainda é novo. Tem, também, a pele da cara vermelha e curtida do vento e da geadada, e os olhos são iguais aos do velho. Só não são tão inquietos, nem tão frios. Vestem ambos velhas japonas de sarja, forradas de pele de raposa, e calçam botas de couro cru. Estão imóveis e calados há muito tempo.

Num gesto vagaroso, o velho pegou um cavaco fumegante e acendeu a ponta do cigarro. Puxou uma tragada e jogou o cavaco na lareira.

- Vamos ter um bom dia.
O rapaz encolheu os ombros e respondeu sem olhar o velho.
- É capaz.
O velho puxou uma tragada profunda e recostou-se no banco.
- Você soube que o Zifa foi morto?
O rapaz não respondeu e o velho puxou algumas brasas para junto das botas com a vareta da espingarda.
- Semana passada mataram o cabo de Cantelães.
- Eu soube.
O velho jogou a ponta do cigarro nas cinzas e olhou o rapaz fixamente.
- Quê que você tem, rapaz?
— Nada.
O velho riu.
- Nada? Quê que há, rapaz? O Zifa morre na cadeia, só pra que um sacana de um cabo seja promovido, deixa mulher e três filhos, e você diz que não tem nada?
O rapaz não respondeu e o velho fez uma pausa e bateu com a vareta da espingarda na biqueira da bota.
- Me diz uma coisa, rapaz. Tá com medo?
O rapaz levantou a cabeça e olhou o velho, fixamente, durante alguns instantes.
- Você sabe que eu não tenho medo.
— Então, quê que você tem, porra?
— Nada, já disse.
O velho levantou-se.
- Tá certo. Cada um deve dizer sempre aquilo que acha que é certo. Cadê a pinga?
O rapaz voltou-se e apontou a porta do forno.
- Aí dentro.
O velho pegou a cabaça e sentou-se. Bebeu alguns goles e acendeu um cigarro.
- A moça foi à missa?
— Foi ao confesso.
O velho riu.
- Os outros é que matam e ela é que se confessa?
Bebeu mais um gole e estendeu a cabaça ao rapaz. O rapaz abanou a cabeça. O velho encolheu os ombros e colocou a cabaça em cima do banco. Depois, levantou-se e abriu a porta. Uma rajada de vento e de neve soprou do pinheiral e revoltou pela casa. O gato, deitado na cinza, junto dos potes, abriu um olho e afilou as orelhas. O velho olhou a serra e esfregou as mãos com força. O vento assoviava por entre os pinheiros e jogava a neve contra os troncos. Apesar do ar gelado, o rapaz não se mexeu. O velho fechou a porta e sentou-se, e estendeu as mãos por cima do fogo.
- Vento de geada. Não tarda, para.
Calou-se e esfregou as mãos com força.
- O cão foi com a moça?
O rapaz não respondeu e o velho recostou-se no banco e ajeitou-se dentro da jadona, e fechou os olhos. O rapaz acendeu um cigarro e puxou uma tragada profunda, e ficou olhando o fogo da lareira. Num gesto brusco, jogou o cigarro nas brasas e cruzou os braços no peito.
- Vou pra Caniçada.
O velho levantou-se de um salto.
- Vai pra onde?
— Vou pra Caniçada, já disse.
Os olhos do velho quase se fecharam, coruscando.
- Pra Caniçada?
— Vou trabalhar.
O velho olhou o rapaz durante algum tempo, a cabeça balançando, devagar. Depois, pegou a cabaça e bebeu um gole.
- Quer dizer que você tá querendo ir pra Caniçada.
O rapaz não respondeu. Baixou a cabeça e fixou os olhos nas chamas. O velho continuou olhando para ele.
- Você já lá foi alguma vez?
— Não. Mas sei que tão precisando de gente pra trabalhar na barragem. Calaram-se. O velho sentou-se, colocou a cabaça em cima do banco e pegou a vareta da espingarda e atçou as brasas da lareira.
- Quer dizer que você não tem nada, hem?
O rapaz não respondeu, nem se mexeu, e o velho bateu com força nas canhotas fumegantes.
- Porra, rapaz, será que você não sabe o que te vai acontecer, não?
O rapaz continuou calado e o velho bateu nas canhotas outra vez.
- Fala, caramba!
— Sei.
— Quer dizer que você sabe o que te vai acontecer e, mesmo assim, tá querendo ir.
O rapaz não respondeu e o velho deu uma palmada no joelho.
- Você tá louco, rapaz.
O rapaz olhou o velho e balançou a cabeça.
- A mulher vai ter um filho.
O velho riu.
- E, só por isso, você quer ir pra Caniçada?
O rapaz não respondeu e o velho pegou a cabaça e bebeu um gole.
- Fala, porra!
— Não quero que o meu filho seja igual a mim.
O velho riu.
- Quê que há, rapaz? Além de cagão ainda tem vergonha da nossa vida?
Colocou a cabaça em cima do banco e ficou mexendo nas brasas com a vareta da espingarda.
- Olha, rapaz. Eu nunca tive pena de ninguém. Ter pena dos outros é pior do que ter pena da gente. Mas, agora, eu tenho pena de você.
O rapaz não respondeu e o velho pegou uma canhota e atirou-a na lareira.
- Quê que você pensa que vai fazer em Caniçada, hem?

“
Antes livre com fome
do que gordo na gaiola”

O rapaz encolheu os ombros, sem responder, e o velho olhou-o fixamente.

— Diga, rapaz.

O rapaz continuou calado e o velho abanou a cabeça com força.

— Você tá é louco mesmo.

— Eu não quero que o meu filho ande sempre fugido, como eu ando.

O velho olhou o rapaz durante algum tempo.

— Olha, rapaz. Há muitos anos, quando a guerra civil ainda andava lá na Espanha, também teve gente que pensava desse jeito. Que se dissesse amém com os falangistas todo mundo se salvava. Pois disseram amém, lamberam o rabo dos alcaides e todo mundo se fodeu.

Fez uma pausa e cuspiu com força nas brasas.

— Rapaz, rapaz. Quanto mais a gente se abaixa, mais a bunda aparece. Olha os bichos, rapaz. O gato bravo corre do cão? Muita gente pensa que corre, mas não corre. Se o cão dá em cima o gato enfrenta e adeus cão. Esta serra é dura, rapaz, é madrasta, tem neve, tem vento, tem o diabo, mas vê se algum bicho sai daqui. Antes livre com fome do que gordo na gaiola. E a gente é igual, rapaz. O pior que pode acontecer a qualquer um é não poder andar por onde quer.

Jogou duas canhotas em cima das brasas e ajeitou-as com a vareta da espingarda.

— Rapaz, se você for pra Caniçada, você sabe o que te vai acontecer? Nem cagar direito você vai poder. Aqui na serra, a guarda caça a gente, atira na gente, mas é sempre pau a pau.

Fez uma pausa e olhou o rapaz.

— A vida sempre foi isto, rapaz. Ou a gente mata ou a gente morre. Agora, se você for pra Caniçada, você já tá preso, mesmo antes de eles te prenderem. E, mesmo que eles não te matem, você já morreu, rapaz.

Juntou as brasas com a vareta da espingarda e empurrou-as para junto das canhotas.

— É, rapaz. A gente não morre só quando morre. A gente também morre quando nos obrigam a fazer o que não deve ser feito.

Fez uma pausa e olhou o rapaz.

— Me diz uma coisa, rapaz. Foi a moça que pediu pra você ir pra Caniçada?

O rapaz não respondeu.

— Fala, rapaz.

— Ela nem sabe. Eu é que quero deixar esta vida.

O velho riu.

— Ninguém deixa a vida que tem, não, rapaz. Quem nasce na serra more na serra. A menos que queira lamber o rabo dos outros.

Fez uma pausa e acenou com a cabeça, devagar.

— Rapaz, quando o lobo vira cordeiro até as toupeiras lhe cagam na cabeça. Sempre assim foi e sempre assim há de ser.

Fez uma pausa e recostou-se no assento.

— Mas você é que sabe.

— É. Eu é que sei.



Calaram-se. O velho aconchegou-se na japonsa e cruzou os braços no peito e fechou os olhos, e o rapaz fincou os cotovelos nos joelhos e apoiou o queixo nas mãos. Ficaram assim algum tempo, até que um cachorro latiu ao longe e o velho abriu os olhos.

— Não é o teu cão?

O rapaz levantou-se e abriu a porta. O dia já tinha nascido e não corria mais vento. O rapaz olhou o pinheiral. O cachorro saltava na neve e latia, o rabo levantado e abanando. Era um cão de caça, traçado de perdigueiro e coelho, e, visto de longe, não parecia maior do que uma lebre. A mulher vinha um pouco atrás, encapuzada no xale, a saia arrastando na neve. Ao farejar o rapaz o cachorro latiu mais alto. Atravessou o ribeiro gelado com dois saltos e entrou na casa, correndo. Lambeu as mãos do rapaz e foi lambe-las do velho. O gato continuou deitado na cinza, indiferente à correria do cão. A mulher chegou pouco depois. Era mais nova do que o rapaz, mas também tinha a pele da cara vermelha e curtida do vento e da geada. O rapaz abraçou-a.

— Libana.

O velho riu e levantou-se. A mulher afastou-se do rapaz e olhou o velho.

— Quê que foi, padrinho?

— Nada, moça. Nada.

O rapaz fechou a porta e aproximou-se da mulher.

— Aquece-te.

O velho colocou a vareta na espingarda e prendeu os polvorinhos e os chumbeiros na cintura.

— Bom. Acho que vou indo.

A mulher afastou-se do rapaz.

— Você não vai caçar, Eduardo?

O rapaz não respondeu.

— Eduardo.

O rapaz passou um braço na cintura da mulher e puxou-a para junto do banco.

— Aquece-te.

A mulher tirou o braço do rapaz e olhou-o fixamente.

— Você não vai caçar, Eduardo?

O velho aproximou-se da lareira e esfregou as mãos por cima do fogo.

— Não vai ter mais caça, não, moça.

— Não vai ter mais o quê, padrinho?

— Mais caça, moça. Nem mais caça, nem mais nada.

A mulher olhou o rapaz, ainda imóvel. O velho olhou os dois e ajeitou a espingarda debaixo do braço.

— Moça, tu não vives com um homem. Vives com um cão.

O rapaz cerrou os punhos e deu dois passos em direção ao velho. A mulher segurou-o por um braço.

— Eduardo.

O velho riu.

— Ele diz que vai pra Caniçada.

A mulher olhou o velho e, depois, olhou o rapaz.

— Você tá querendo ir embora da nossa casa?

— É por causa do nosso filho.

— O nosso filho ainda não nasceu, Eduardo.

O velho riu.

— Mas o medo dele já.

Abriu a porta e colocou a espingarda na bandoleira, e cuspiu na neve com força.

— Moça, quando a gente tem medo, a gente não tem mais nada.

Saiu e começou andando. O rapaz correu e segurou-o por um braço.

— Velho.

A mulher correu também e colocou-se entre eles. O velho afastou-a.

— Deixa, moça. Deixa. Cão que ladra não morde. Sempre assim foi e sempre assim há de ser.

A mulher voltou-se para o rapaz.

— Eduardo, você não vai mais caçar?

Fez uma pausa e olhou-o fixamente.

— Mesmo que o nosso filho nasça morto?

O rapaz não respondeu e o velho riu.

— Moça, morto o teu filho já tá, se nascer igual ao pai.

O rapaz olhou o velho e a mulher, e, num gesto brusco, entrou na casa. Voltou, pouco depois, com a espingarda e os polvorinhos e os chumbeiros, e assoviou ao cão e começou andando. O velho olhou a mulher e sorriu, e seguiu atrás dele.



A serra brilha ao sol da manhã, silenciosa. O vento parou e o gelo faísca nos penedos e nos galhos nus dos carvalhos, e os pombos bravos e as pegas e os gaios voam nos pinheirais. As águias e os falcões planam no céu sem nuvens, e os coelhos e as lebres afilam as orelhas nas saídas das tocas, atentos ao menor sinal de perigo. Por entre os matos e as urzes, as perdizes ciscam a neve e piam, catando comida entre as raízes. A neve escorre por entre a caruma dos pinheiros e os lobos e as raposas escondem-se nos fojos, e os javalis fossam nos valados, grunhindo enraivecidos e famintos.

Lado a lado, os dois homens caminham em direção ao pinheiral, as espingardas na bandoleira e nuvens de vapor saindo dos narizes e das bocas. O cão corre na frente, saltitando por entre os matos e as urzes. Sempre calados, os homens atravessam o ribeiro e entram no pinheiral, as botas enterrando na neve amolecida.

Uma pega voou entre os pinheiros e o velho parou e acendeu um cigarro. Puxou duas tragadas e apontou as encostas nevadas, subindo até aos cumes.

— Vamos pra onde?

O rapaz não parou, nem se voltou.

— Às cabras.

— Às cabras? Às cabras, temos que ir ao Crasto.

— Tens medo?

O velho sorriu. Começou andando, as pernas enterradas na neve até quase junto dos joelhos. Ao longe, o cão latiu. O velho parou.

— É lebre.

O rapaz não parou, nem respondeu. O cão latiu outra vez. O velho cuspiu na neve e começou andando.

— De certeza que é lebre.

O rapaz falou sem se voltar.

— Eu escutei.

Um pombo bravo voou de um pinheiro, um pouco à frente. O velho sorriu. Isso, bicho. Parou e olhou o vôo do pombo, serra abaixo. Vai, bicho, vai. Cada um com sua sina. Olhou a serra, o sol faiscando no gelo. Sempre que passo aqui me lembra Lóvios. Puxou uma tragada profunda e sorriu. Bons tempos aqueles! Fazia-se o que se fazia, mas, o que se fazia, mesmo, ninguém diz. Puxou outra tragada e cuspiu na neve. Hoje, todo mundo diz que os populares matavam os padres e emprenhavam as freiras, mas o que os falangistas faziam, isso ninguém diz. Cuspiu outra vez na neve e abanou a cabeça. Filhos da mãe. Foderam todo mundo e ainda disseram que era preciso fazer aquilo pra livrar a Espanha dos comunistas. Puxou uma tragada profunda e soprou o fumo com força. Pois fizeram o que fizeram, prenderam e mataram quem quiseram, e o povo ficou como? Fodido. Fodido como sempre. Ajeitou a espingarda na bandoleira e olhou as encostas cobertas de neve, descendo até aos vales. Igual aqui. Cuspiu outra vez na neve e sorriu. Mas aqui eles se fodem. Ah, fodem. Semana passada morreu um. E, mês que vem, se a cadeia de Cantelães não abrir, morre mais um. Nós também morremos. Mas, morrer, qualquer um morre. O que importa é fazer o que tem que se fazer. Jogou a ponta do cigarro na neve e começou andando. O cão latiu e, depois, ficou ganindo. O rapaz, lá na frente, parou e o velho aproximou-se.

— Tá no Fojo.

O rapaz voltou-se.

— É raposa.

— É raposa, sim. O cão tá ganindo.

O rapaz olhou as pernas do velho, enterradas na neve.

— Cansado?

O velho deu de ombros.

— Vai andando. Vai andando.

Já tinham atravessado o pinheiral e caminhavam agora por entre renques de carvalhos sem folhas, cobertos de neve e de gelo. Lá em baixo, a meia encosta, ficava o povoado. O rapaz olhou as casas, alapadas debaixo dos penedos e cobertas de neve, fumegando. O velho tá velho, mas sabe o que diz. Esta serra é dura, é madrasta, mas é nossa. Voltou-se e olhou o velho, e sorriu. É, velho, você tá certo. Isto aqui é nosso. É madrasto, mas é nosso. Sempre foi. O cão parou de ganir e latiu com força. O velho parou.

— O cão entocou-a.

O rapaz parou e olhou o velho.

— Quer descansar um pouco?

O velho pisou a neve com força, enterrando a perna até acima do joelho.

— A neve é que tá mole demais.

Continuaram andando. Sempre subindo a meia encosta, pouco depois chegaram ao Fojo. A cova da raposa ficava debaixo de uma laje, num valado de vidoeiros. O cão sentado na neve, estava imóvel, os olhos fixos na entrada. Quando os farejou, abanou o rabo, mas não se mexeu. O velho examinou os rastros da raposa.

— Tá mancando das patas traseiras. Vai ver, levou tiro.

— Ou encontrou lobo.

— Ou isso.

O rapaz segurou o cão pela coleira e aproximou-se da entrada da cova. O cão ganiu. O velho fez um sinal.

— Deixa eu ver a saída lá de cima, não vá a filha da mãe sair por lá.

O rapaz acenou com a cabeça e o velho afastou-se. O rapaz pegou o cão no colo e recuou sobre as pegadas do velho, deixando só dois rastos na neve. Um de ida, outro de volta. Pouco depois o velho deu o sinal. Um pio de mocho prolongado. O rapaz soltou o cão.

— Vai, Farrusco.

O cão entrou na cova e o rapaz encostou-se no tronco de um vidoeiro. Tomara que a guarda não apareça. A Libana bem que tá precisando de um colete. Encolheu os ombros. Mas, também, se aparecer... Engatilhou a espingarda e apoiou-a no braço esquerdo, pronta para atirar. Pingos de neve derretida caíam-lhe na cabeça e no pescoço, mas ele não se mexia, os olhos fixos na entrada da cova. O velho tá certo, caramba! Caniçada que se foda. Semana que vem, se a cadeia de Cantelães não abrir... Uma aragem perpassou junto da nuca e o rapaz sentiu o cano de uma arma encostar-se no pescoço. O cano afastou-se e o rapaz voltou-se. Atrás do vidoeiro, a mauser em ponto de fogo, um guarda olhava para ele e sorria. O rapaz apontou a espingarda para o chão.

— Pode abaixar a arma. Tenho o cão lá dentro.

O guarda apontou as pegadas na neve, em volta da lage.

— E o outro?

O rapaz riu.

— Que outro?

— Quem fez isto? Foi o cão?

— Fui eu que tapei a outra saída. Pode ir ver, se quiser.

O guarda estendeu a mão.

— Passa a arma. Mas cuidado. Cuidado, que...

O rapaz segurou a espingarda pelos canos e entregou-a ao guarda. O guarda afastou-se e pegou um punhado de neve, e inutilizou as espoletas. Encostou a espingarda do rapaz no tronco de um vidoeiro e olhou à volta. Tinha mais de cinquenta anos e era gordo, a cara riscada de veias avermelhadas e os olhos empapuçados, como um sapo.

— Agora, andando. Rápido.

O rapaz não se mexeu. O guarda deu dois passos, mas o rapaz continuou sem se mexer. O guarda recuou e encolheu os ombros.

— Bom. Pra mim tanto faz.

Levantou a mauser e apontou-a ao peito do rapaz.

— Três segundos pra andar.

O rapaz apontou a entrada da cova.

— E o cão?

O guarda encolheu os ombros.

— Um...

— Es...

— Dois...

— Mãos pra riba.

A voz do velho soou atrás do guarda, seca como um tiro. O guarda deixou cair a mauser e levantou os braços. O velho aproximou-se. O rapaz sorriu e esfregou as mãos com força.

— Você demorou, porra!

O velho riu.

— Rapaz, a pior coisa que tem é a gente ter certeza que ganhou e, depois, ver que perdeu.

Fez uma pausa e voltou-se para o guarda.

— Cartucheira no chão.

O guarda desafiou a cartucheira e deixou-a cair na neve. Conhecia o velho há anos e sabia que ele jamais ameaçava. O velho sorriu.

— Rapaz, descarrega a arma desse filho da mãe e guarda as balas. Depois, pega a cartucheira.

O rapaz apanhou a mauser, descarregou-a e pegou a cartucheira. O velho aproximou-se do guarda. Empurrou-o com os canos da espingarda e encostou-o no tronco de um vidoeiro. O guarda, apesar do frio, suava. O velho sorria.

— Rapaz, você sabe quem é este cara?

— Sei. É do posto de Cantelães.

O velho parou de sorrir e os olhos quase se fecharam.

— É. É do posto de Cantelães. É do posto de Cantelães, mas também é o sem-vergonha que fica com metade de todo o contrabando que se passa na fronteira.

— Eu nunca paguei nada pra ele.

— Você nunca pagou, eu também nunca paguei, mas o Zifa pagou a vida inteira e, no fim, ainda morreu por causa disso.

Fez uma pausa e olhou o guarda.

— Escuta bem o que te vou dizer. O Zifa morreu e o novo cabo foi promovido. Pau a pau. Agora, se alguém subir a serra outra vez, não vai descer nunca mais. Nem pra entrar no cemitério.

No rosto balofo do guarda as gotas de suor escorriam e brilhavam como neve derretida. O velho cuspiu na neve e apontou a mauser.

— Rapaz, dá cá essa arma.



O rapaz entregou a mauser ao velho. O velho retirou o percussor e guardou-o, e quebrou a coronha na laje. Jogou o cano na neve e olhou o guarda, e apontou a encosta nevada, descendo até o vale.

— Agora, some.

O guarda não se mexeu. Tinha os braços esticados por cima da cabeça e os olhos esbugalhados, fixos no cano da mauser, caído na neve. O velho riu.

— É por causa da arma? Medo de chegar ao posto sem ela?

Encolheu os ombros e sorriu.

— Pois pra mim tanto faz.

Levantou a espingarda e apontou, e a neve ao lado do guarda saltou no ar. O velho não precisou dar segundo tiro. Quando o último flocos pousou no chão, o guarda já corria, encosta abaixo, sem capacete e com os braços abanando, tentando equilibrar o corpo gordo. O rapaz apontou o guarda e riu.

— Parece um pato.

O velho apontou o cano da mauser, caído na neve.

— Enterra essa merda.

O rapaz enterrou o cano junto da laje e o velho carregou a espingarda.

— Agora, vamos. Alguém pode ter escutado o meu tiro.

O rapaz pegou a espingarda e trocou as espoletas, e ambos descalçaram as botas e andaram em círculos, até confundir todos os rastros. Depois, aproveitaram as pegadas do guarda e saíram do Fojo. Seguiram o primeiro ribeiro que encontraram e continuaram a subida.

— Quase mataste o sacana.

O velho riu.

— Rapaz, eu nunca errei um tiro na vida.

Acendeu um cigarro e puxou uma tragada profunda.

— Às vezes, é melhor assustar do que matar. Faz mais medo.

Uma hora depois o rapaz parou, a cara roxa de frio e os cabelos empastados de neve.

— Tenho os pés gelados.

O velho apontou a encosta sem árvores, subindo até aos cumes.

— Ainda podem pegar os nossos rastros. Vamos.

Até onde a vista alcançava, agora, só os caules dos zimbros e dos tojos furavam o manto branco da neve. Os homens continuaram subindo e, meia hora depois, avistaram a última lombada da encosta. Depois dela começava o muro que cercava a reserva das cabras monteses e das corças, e terminava na fronteira. O velho parou.

— Pronto. Agora, só nos vão encontrar por muita sorte.

Enterraram a cartucheira e as balas do guarda junto do muro e calçaram as botas. O gelo das pedras faiscava e o ar rarefeito obrigava-os a respirar pela boca. O velho olhou o céu sem nuvens e as águias planando em círculos vagarosos.

— Vai nevar.

— Leva jeito.

— Tá muito parado. Céu muito parado, quando escurece, larga neve.

Encostou-se no muro e abriu a braguilha.

— Vou mijar.

O rapaz olhou o caminho, ladeado pelo muro, serpenteando até à reserva. Pouco antes da última curva alguma coisa mexia. Encoberto pelo muro, o rapaz subiu alguns metros. Eram dois guardas. O rapaz voltou correndo.

— Tão vindo dois guardas.

O velho olhou os vultos e o rapaz agachou-se junto do muro.

— E agora?

O velho encolheu os ombros e abotoou a braguilha.

— O que tiver que ser, vai ser.

— Será que foi por causa da morte do cabo de Cantelães?

— Cada um paga o que deve, rapaz.

Calou-se e olhou os guardas com atenção.

— Vamos. Pode ser que passem sem nos ver.

Saltaram o muro e desceram alguns metros, agachados, encobertos pelas pedras. Pararam junto de uma touceira de urzes e o velho fez um sinal.

— Se nos virem, você corre pra baixo, que eu corro pra cima.

— De jeito nenhum.

— Faz o que eu digo, rapaz. Quando chegar o teu dia, tu corres pra cima.

Os guardas andavam devagar, fumando e conversando, as mausers na bandoleira e os capacetes faiscando, batidos pelo sol. Ao longe, na meia encosta, o cão latiu. O rapaz olhou o velho. O velho engatilhou a espingarda.

— Cão desgraçado!

Os guardas, já próximos, pararam e, um deles, aproximou-se do muro.

— Não foi um cão?

O outro guarda jogou a ponta do cigarro na neve e olhou a meia encosta atentamente.

— Pareceu.

O primeiro guarda deu alguns passos e, de repente, parou.

— Olha aqui. Aqui tem pegadas e alguém mijou. E foi agora. A neve ainda tá amarelada.

O segundo guarda correu e olhou a encosta, além do muro.

— Vai ver, ainda tão por aí amoutados.

O primeiro guarda tirou a mauser da bandoleira e encostou-se no muro.

— Fica você aqui, que eu vou cercá-los lá por baixo.

Engatilhou a mauser e correu pelo caminho. O cão latiu de novo, já mais próximo. O velho xingou um palavrão em voz baixa e fez sinal ao rapaz. Ambos se levantaram e começaram a correr. O velho, encosta acima, e o rapaz, encosta abaixo. O segundo guarda viu-os e gritou ao companheiro.

— Aí vai um.

O velho já estava quase dobrando a lombada quando o segundo guarda atirou.



O velho apareceu somente à noite. Cansado, a cara e as mãos roxas de frio, e a roupa toda molhada. O cão farejou-lhe as pernas e lambeu-lhe as mãos, e o velho acariciou-lhe a cabeça e as orelhas. A mulher levantou-se e arrumou lugar no banco, junto da lareira.

— Venha, padrinho. Sente-se.

O velho encostou a espingarda na parede e sentou-se, e a mulher pegou a cabaça dentro do forno e sentou-se também. O velho bebeu alguns goles e acendeu um cigarro.

— O guarda conheceu-te?

— Não.

— E o outro?

O velho bebeu mais um gole e recostou-se no banco.

— Matei-o.

O rapaz pegou a cabaça e bebeu alguns goles.

— Quê que você vai fazer?

O velho estendeu os braços por cima do fogo e esfregou as mãos com força.

— Esperar que neve e atravessar a fronteira.

— Eu é que devia ter corrido pra cima.

— Pra quê? Pra matar o guarda?

— Eu matava.

O velho sorriu. Levantou-se e abriu a porta e escutou o vento, já assoviando no pinheiral. O rapaz levantou-se e aproximou-se do velho.

— Quer que eu vá com você?

O velho fechou a porta e sentou-se.

— Pra quê?

— Sempre somos dois.

O velho riu.

— Quem mata um mata dez, rapaz.

O rapaz não respondeu. O velho puxou uma tragada profunda e soltou o fumo devagar.

— Rapaz, alguém tem que ficar aqui.

O rapaz não respondeu e o velho sorriu e deu-lhe uma palmada no joelho.

— Eles vão subir outra vez, rapaz. Sempre sobem. Por isso, é que tem que ter sempre alguém aqui que os obrigue a descer.

Recostou-se no banco e aconchegou-se na japona.

— E, depois, rapaz, mês que vem, alguém precisa abrir a cadeia de Cantelães.

— Eu sei.

O velho ajeitou-se no banco e fechou os olhos. A mulher abraçou o rapaz e o gato levantou-se e espreguiçou-se, e aninhou-se no colo dela. O cão farejou as pernas do velho e deitou-se junto das botas. Agora, era só esperar que nevasse.

CUNHA DE LEIRADELLA

português de Pova de Lanhoso, viveu mais de
40 anos no Brasil. É autor de peças teatrais e de
mais de uma dezena de livros de ficção.

POEMA EM LINHA RETA

Fernando Pessoa

Nunca conheci quem tivesse levado porrada.
Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.

E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil,
Eu tantas vezes irresponsavelmente parasita,
Indesculpavelmente sujo,
Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar banho,
Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,
Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas,
Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante,
Que tenho sofrido enxovalhos e calado,
Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda;
Eu, que tenho sido cômico às criadas de hotel,
Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes,
Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado sem pagar,
Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado
Para fora da possibilidade do soco;
Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas,
Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.

Toda a gente que eu conheço e que fala comigo
Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho,
Nunca foi senão príncipe – todos eles príncipes – na vida...

Quem me dera ouvir de alguém a voz humana
Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;
Que contasse, não uma violência, mas uma cobardia!
Não, são todos o Ideal, se os oiço e me falam.
Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil?
Ó príncipes, meus irmãos,

Arre, estou farto de semideuses!
Onde é que há gente no mundo?

Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?

Poderão as mulheres não os terem amado,
Podem ter sido traídos – mas ridículos nunca!
E eu, que tenho sido ridículo sem ter sido traído,
Como posso eu falar com os meus superiores sem titubear?
Eu, que venho sido vil, literalmente vil,
Vil no sentido mesquinho e infame da vileza.

Nunca conheci quem tivesse escrito uma merda.
Todos os meus conhecidos têm sido brilhantes em tudo o que escrevem.

E eu, tantas vezes cego, tantas vezes burro, tantas vezes tímido,
eu tantas vezes irresponsavelmente plagiário,
indesculpavelmente preguiçoso,
eu que tantas vezes não tenho tido paciência pra consultar o dicionário,
eu que tantas vezes tenho sido ridículo, vaidoso,
que tenho cortejado os elogios fúteis e desprezado as críticas honestas,
que tenho escrito poemas grotescos, tacanhos, redundantes e pretensiosos,
que tenho deletado mais da metade do que escrevo,
que, quando não deleto, tenho me arrependido de cada poema publicado;
eu, que tenho submetido meus poemas ao julgamento de gente que eu desprezo
e tenho me sentido humilhado pelo desprezo dessa mesma gente;
eu, que não como ninguém com meus versos românticos,
eu, que não choco ninguém com meus versos satânicos,
eu, que tenho passado noites em claro pensando num advérbio ou num adjetivo,
eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.

Toda a gente que eu conheço e que troca e-mails comigo
nunca errou uma concordância, nunca se enredou numa falácia,
nunca foi senão genial – todos eles gênios – na vida e na literatura...

Quem me dera ouvir de alguém a voz humana
que confessasse, não um bloqueio criativo, mas uma ingenuidade;
que contasse, não que seu livro não vendeu, mas que não valia o preço de capa!
Não, são todos mestres de Homero e instrutores de Shakespeare,
se os ouço e se falam comigo.
Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez escreveu uma frase feita?
Ó gênios, meus irmãos,
caralho, estou de saco cheio de Rimbauds e Mallarmés!
Onde é que há gente no mundo?

Então só eu que sou burro e pouco original nesta terra?

Poderão ter sido achincalhados pela crítica,
podem ter sido ignorados por Deus e o mundo,
mas terem escrito uma frase ridícula, nunca!
E eu, que tenho escrito frases ridículas cotidianamente,
cercado por tantos gênios, como posso querer ser lido com atenção?
Eu, que tenho sido estúpido, literária e literalmente estúpido,
estúpido no sentido simplório e bruto da estupidez.

MARCO CATALÃO

é poeta, ficcionista e tradutor.
Publicou seu primeiro livro,
Antes de amanhã, em 2008. Desde
então, recebeu diversos prêmios,
dentre os quais se destaca o
primeiro lugar no Concurso Nacional
de Contos Luiz Vilela *Por linhas
tortas* pertence ao livro inédito *O
Cânone Acidental*.

POR LINHAS TORTAS

Marco Catalão

Quando Luiz Ruffato estreou na ficção, há dez anos, era arriscado detectar, nas recorrências de algumas personagens ao longo de *Histórias de remorsos e rancores*, o projeto de um romance. O volume foi elogiado pela crítica como exibição dos dotes de “um senhor contista” – expressão de Ivan Ângelo em texto publicado no *Jornal da Tarde*. De fato, as sete narrativas ali reunidas já permitiam colocar o autor entre os mais competentes representantes do realismo na literatura brasileira contemporânea; o manejo preciso do tempo

para o próximo livro. Que bem poderia ser o próprio *Eles eram muitos cavalos*, caso também estivesse cheio de personagens ligadas a Cataguases. Explica-se: vista no conjunto, e advertindo que a ficção ruffatiana parte de um projeto tematicamente coeso mas formalmente difuso para tornar-se *work in progress*, a agora pentalogia ganha o status de uma catábase social e existencial cuja partida é a cidade natal do autor e cujo ponto final é São Paulo – ou Rio de Janeiro, já que, não importando aonde vão parar os filhos (e netos) de Cataguases, a grande cidade surge no texto de Luiz Ruffato

Eloésio Paulo

A catábase da memória em Luiz Ruffato

narrativo e a economia da linguagem evidenciavam um estilo eficaz e longamente maturado. Aquele “senhor contista” não soava como juízo provisório ou incompleto.

Três anos depois, o escritor lançava *Eles eram muitos cavalos*, romance caleidoscópico retratando a cidade de São Paulo. Mais uma vez, o domínio da técnica narrativa e a justeza do estilo carregavam uma quase unanimidade: estava surgindo um escritor do primeiro time. Daí por diante a carreira de Ruffato foi meteórica, e logo, de contrato firmado com o principal grupo editorial do país, ele podia dedicar-se ao projeto que já se delineava entre os dois volumes: o de uma obra cíclica a refazer em clave ficcional a própria vivência do autor, da infância pobre na pequena – mas já industrializada – cidade de Cataguases, na Zona da Mata mineira, ao privilegiado posto de observação da insanidade urbana de São Paulo – o trabalho como jornalista em um dos principais diários paulistanos. Republicado em 2005, o primeiro livro passou a intitular-se *Mamma son tanto felice* e a ser apresentado como romance, iniciando uma trilogia intitulada *Inferno provisório*.

Lançado agora o quarto volume, o projeto aparece reproposto como pentalogia, pois o escritor anuncia um arremate

sempre como o lugar dos sonhos desfeitos, das ambições transformadas em poeira.

Como ponto de um percurso ainda em elaboração, portanto, este *Livro das impossibilidades* ainda pode ser lido, como o puderam os três volumes anteriores, na condição de obra autônoma. É o que se propõe aqui, procurando o resenhista resguardar-se do risco de nomear um objeto ainda incompleto, ao mesmo tempo em que manifesta sua crença em que *Inferno provisório* constituirá ao final, e retroativamente, um romance cíclico.

O que singulariza Luiz Ruffato no panorama da ficção brasileira atual, cheia de profissionais escrevendo como diletantes? O escritor de Cataguases é um mestre no emprego de seus recursos, a começar pelo próprio idioma em seus mais variados registros, cada qual recortado isomorficamente à passagem do texto em que se insere. A maestria na manipulação do tempo narrativo também continua sendo um grande trunfo desse ficcionista que fragmenta a escrita para praticar o verdadeiro realismo, mostrando-nos uma experiência do real sem qualquer ilusão de que o tecido seja contínuo e coerente. Os ruídos do ambiente e da memória são intercalados sem aviso nos diálogos, misturando o passado

à consciência do momento presente, mais ainda quando Cataguases é uma lembrança a interferir insistentemente nas conversas que têm lugar na metrópole.

Na ficção de Ruffato, o observador atento (também por ter-se treinado como repórter) reveza-se com o homem da província que recorda – e pesquisa, pois suas idas a Cataguases são relativamente freqüentes – tempos já desbotados, mas cuja verdade surge, surpreendentemente concreta, na forma de uma expressão de sabor regional ou da escalção do time do São Paulo que ganhou o campeonato paulista de 1975. Luiz Ruffato, como o adolescente Guto, protagonista do primeiro relato, “cobiça outras tardes”, agora vendo nelas, sem nenhum vestígio daquela “saudade hipócrita” denunciada por Raul Pompéia, todo o seu complicado tecido de misérias e esperanças.

Os signos recompositores de uma época (principalmente, os anos 70 da infância e adolescência do escritor) são importantíssimos na poética ruffatiana. A imagem de alguém lendo uma revista do Brasinha não é mera tintura, mas a massa de que se compõe esse objeto de rememoração que é o relato “Era uma vez”. Tais signos impregnam não apenas o cenário, mas a própria subjetividade das personagens. A pobreza é materialmente caracterizada pelo conga que a personagem tem nos pés; o clima político, pelo fato de uma personagem trabalhar na construção da ponte Rio-Niterói, bibelô obreiro da ditadura militar; os sonhos da juventude, por uma discussão sobre a excelência da música do Led Zepellin. Em uma passagem de “Zezé e Dinim”, jovens integrantes do grupo católico APL (Amor, Paz, Liberdade) vivem as contradições de sua clausura ideológica, esboçando-se como bichos-grilos em uma quase inocente bebedeira. Sinal do tempo.

A prosa de Luiz Ruffato também se deixa seguidamente penetrar pela dicção da poesia. O texto chega mesmo, em várias passagens, a ser recortado em versos. A figuração da linguagem evidencia um prosador com plena consciência das possibilidades da poesia como tributária do texto ficcional, e assim ele nos dá conta de Guto “arrependido do estômago”, ou seja, de ressaca.

As “impossibilidades” do título referem-se a vidas falhadas; os velhos, que trouxeram suas esperanças provincianas na redenção descortinada pela grande cidade, agora já descobriram que, como cantara o compositor, foram “ao inferno à procura de luz”. Estão em ruínas, a dificuldade financeira e o dismantelo existencial agravados pelo corpo que se torna cada vez mais pesado por causa das doenças, advindas principalmente do cansaço de lutar sem chance de vitória. Quanto aos jovens, são desencaminhados, perdidos nos labirintos de um lugar e de um tempo que não oferece nenhuma certeza ou segurança. Os que vinham de Cataguases afogavam o infortúnio na bebida, seus filhos se tornam drogados e até criminosos. Os mais velhos querem voltar; os mais jovens querem esquecer Cataguases: “Tenho mais nada a ver com aquilo lá não”, diz um deles em resposta à sugestão de voltar para a terra natal. Os sonhos de Nílson, bichogrilo paulistano, acabam presos ao

crachá de vigilante de uma loja de departamentos, e no universo ruffatiano essa é a hipótese menos infeliz.

Dessas impossibilidades todas, representante arquetípico é o protagonista de “Carta a uma jovem senhora”. No final, ele conclui que sua vida tinha sido um engano e, simbolicamente, amassa-a junto com a carta que agora já nenhum efeito de catarse ou redenção poderia ter. “Zezé e Dinim” contém, sozinho, o estofamento para um romance inteiro. O relato é composto na forma de vidas paralelas representadas, nos momentos em que os dois amigos não convivem, por colunas que, lado a lado na página, iconizam a coincidência temporal e o desencontro das duas existências no plano espacial. É que o experimentalismo formal tem lugar na ficção ruffatiana, mas apenas quando o experimento tem uma função clara na economia narrativa.

Inicialmente antipático ao amigo, Zezé o achava um “veadinho”, tendo o outro garoto nascido de uma família estruturada e com perspectivas de sucesso pequeno-burguês; ao contrário, o pai de Zezé era um bêbado que deixara de acompanhar a esposa à maternidade para ficar na farra com os amigos. Mas os dois garotos se tornam amigos inseparáveis – a não ser pelo destino, que afinal os reúne, ironicamente, na tragédia. Zezé, bicho solto na vida, “corrompe” o amigo em desordens pelas ruas e quintais. Mas o destino compõe as trajetórias de ambos como uma dança em que as posições se invertem, de modo que o predestinado à marginalidade acaba um ordeiro cidadão, cioso de sua honra apesar da pobreza.

Dinim, ao contrário, entra no casamento sem uma profissão definida e acaba contrabandista. Depois, vira traficante e termina preso, incriminando também Vilma, sua mulher. Quando é solto, o amigo vai reencontrá-lo e acaba envolvido no plano de um seqüestro do qual não sairá vivo. Dinim, a respeito do qual um zeloso pai fizera tantos planos, já se vê, aos trinta e poucos anos, como um “caco”, a mesma definição cabível para os velhos que, em “Era uma vez”, terminavam em São Paulo seus dias de derrota e desconsolo. Não há espaço para o otimismo, pois este mundo é um “inferno provisório” – anúncio de outro ainda pior?

A história de Zezé e Dinim é marcada temporalmente por subtítulos que traduzem os títulos dos mais importantes álbuns da banda Pink Floyd, sendo “O lado escuro da lua” correspondente ao momento em que a vocação trágica dos protagonistas começa a se definir. O lado escuro prevalecerá, terminando Dinim sozinho na cadeia, cheio de remorso por ter “fodido” a vida de sua amada e provocado a morte do amigo. Significativamente, Zezé deixará de herança a memória privilegiada dos pequenos fatos da vida de ambos, e no final o outro, eterno desmemoriado, estará lembrando-se “de tudo”. A memória como um castigo, talvez. A catábase ficcional como único remédio para essa dor de lembrar: essa a chave da ficção ruffatiana.

ELOÉSIO PAULO

doutor em Letras pela Unicamp, é professor da Universidade Federal de Alfenas e autor de *Os dez pecados de Paulo Coelho*.



Ilustração de Getúlio Moreira

PIANÍSSIMO

Conto de
Lucienne Samôr

A mulher esquentava o leite no forno de microondas. Falava muito, gesticulando seguidamente. Usava batom vermelho e uma base pegajosa, pesada, em seu rosto, causando uma impressão desconfortável à visão. Os cabelos estavam escondidos, presos dentro de uma touca de crochê branco.

“Eu não tenho fogão”, e piscou os olhos verdes empapuçados. “O que eu não posso cozinhar no forno de microondas, mando comprar. Às vezes nem é preciso. Como muita salada fria.” E, num gesto jovial, desabafou: “Não parece, não é?”. Mostrou a barriga redonda como se estivesse grávida de seis meses. Não era alta, também não era baixa. A sua figura harmonizava-se, apesar das linhas redondas. Não pensem que essa observação seja maldade de mulher para mulher. Nada disso. Estava no climatério e sentia alguns calores. Esse pormenor não a impedia de gozar a vida. Em todos os sentidos. Comia frequentemente em restaurantes, viajava todos os finais de semana, sempre com o marido, obediente e servil. Era essa a única maneira de conviver bem com ela.

Quando davam-se as costas, ele se vingava, afirmando para suas amigas que aquele casamento fora uma armadilha, o que provava que o Diabo existia.

Tinham um filho que morava numa cidade próxima e, vez ou outra, os visitava. Permanecia na casa dos pais um ou dois dias, geralmente num feriado incômodo, no meio da semana. Depois alegava trabalho, era operador da bolsa, e se mandava.

Ela também gostava de frequentar restaurantes sozinha. Flertava com os garçons jovens e fortes e, certa vez, apaixonou-se. Foi um escândalo – diziam à boca pequena. Morta de paixão, dava-lhe gorjetas polpudas. Comprava-lhe camisas, sapatos, pijamas, camisetas, meias, sungas e calças. Ele permanecia firme no trabalho, procurando garantir seu futuro. Comentou-se até que ela abrisse uma poupança para ele na Caixa Econômica Federal. Ah,

como essa juventude é prática. Fosse acontecido há 40, 50 anos, seriam assassinados em nome da moral.

O marido aceitava suas escapadas extraconjugais, fingindo não perceber, e, nesse entremeio, viviam aparentemente bem.

“Eu não tenho fogão”, repetiu. Os olhos enormemente abertos, como se tivesse visto um fantasma, as veias do pescoço engrossando.

Arrepentia-me de ter ido lá, atendendo ao seu chamado. Sentia repugnância por leite e teria que tomá-lo quente ou frio. Tanto fazia. Disfarcei, elogiei o mobiliário de sua cozinha-copa. Ela pareceu não entender, mas, simultaneamente, o microondas apitou. Acionou o mecanismo, retirou a leiteira e a levou para o centro da mesa, depositando-a num prato de louça que repousava sobre a toalha quadriculada em três tons de vermelho. Achei falta de bom-gosto. O vermelho me fazia ansiosa. Comecei a suar, olhando em volta. Era natural as pessoas usarem o bege e o branco na cozinha, exceto ela. A geladeira, o armário a mesa e as cadeiras eram de cor creme. Apesar da vulgaridade, não achava feio. Ademais, as pessoas sentem-se bem quando alguma coisa em sua casa é elogiada.

“Heddy” – assim se chamava, em homenagem à atriz Heddy Lammar, de quem sua mãe fora admiradora –, “eu não quero leite”.

“Não? Por quê? Está fazendo dieta? Leite faz bem para as pessoas da nossa idade.” Não adiantaria afirmar-lhe que eu não tinha a sua idade. “O Fernando toma um litro de leite por dia, você pode reparar na pele dele”, e acionou o dedo gordinho na minha direção. Deu-me vontade de mordê-lo, parecia uma perninha de frango, amorenado devido às cortinas fechadas.

“O meu filho não gosta de leite. Já disse a ele que envelhecerá precocemente. Terá osteoporose e será um velho claudicante, a menos que se cuide.”

Nos cantos de sua boca acumulava-se saliva e cuspiam de vez em quando e alguma gotícula atingiu-me o rosto, perto dos lábios, e eu esperei que ela se virasse para limpar-me.

“Aceita um refrigerante? Qual? Chegamos ontem, mas ainda tive tempo de fazer compras.”

Na presença dela, percebi que não precisava falar, bastava ouvir. Às vezes, parecia que ela ia ter um ataque apoplético de tanto que seus olhos se arregalavam e as veias do pescoço engrossavam. Conseguí sair daquela mesa com a toalha vermelho-três-tons e andei pela cozinha-copa observando o forno microondas preto, destoando da cor creme do mobiliário, com botões e setas verdes. Através do seu vidro espesso não se via nada.

Anoitecia e ela não acendia as luzes. Era sovina, apesar da riqueza. Aproveitava até o último resto de luz natural, economizando os tostões que sobrariam, multiplicando-os, convertendo-os em dólares para vestir os jovens e fortes garçons ou comprar alguma bobagem inútil para ela.

Heddy enriquecera aproveitando-se do boom da indústria siderúrgica na cidade para vender quinquilharias à população. Ela e o marido viajavam para países próximos ao Brasil e compravam, a preços irrisórios, inutilidades que logo se estragariam, mas que enchiam os olhos pelo brilho, formato e cor.

Notei que em sua casa, para onde olhasse, não se via um livro. Apenas móveis, adornos e televisões. Até aquele momento, contabilizara oito.

Fitei Heddy num momento de desarmamento psicológico e seu rosto adquiriu uma expressão de desamparo. O lábio inferior, inchado, caíra, confirmando, segundo a lenda, que a loura tinha ascendente afro. Logo ela reagiu e retornou à sua persona preferida, seguida da verborragia histérica.

Eu não era nem sua amiga. Aquela seria a última visita. Só o arrependimento de estar em sua casa redimia-me. Heddy falava aos borbotões. Devia ser hábito. Senti pena dela, da sua infelicidade, compreendi que suas viagens eram fugas e que não lhe davam prazer. Todos interpretavam um papel: Heddy era a esposa apaixonada, Fernando, o marido dedicado e o filho, presumia-se, amava os pais.

Não havia em sua casa nenhum animal doméstico. Ela nunca mencionara a existência de algum cão ou gato. Quando viajavam, a casa ficava entregue aos seguranças. Vivia com medo de imaginários ladrões e contratava, a peso de ouro, ex-policiais remanescentes de um conturbado período político do país.

“Heddy, tenho que ir embora.”

“Já? Tão cedo?” – e sua voz e expressão ficaram aquietados. Atravessei os corredores e as salas que, de tão limpas, pareciam inabitadas. Talvez a mulher que eu vira, com quem falara e compartilhara algumas horas, fosse um fantasma de tempos idos que, ainda familiarizado, habitava aquela casa.

LUCIENNE SAMÔR

mineira de Conselheiro Lafaiete, é autora do livro de contos *O olho insano* (Ed. Interlivros, 1975).

Betty Mindlin

Um relato de dez dias de viagem, quando da lavra de uma escritora com pleno domínio de sua arte, erudita e ficcionista, pode transformar-se no quadro de um país e de seu clima político, cultural e social. É o caso de *Passaporte iraniano*¹ (classificado como romance na folha de rosto), uma descrição da passagem da

RETR

DO

IRÃ

autora Nahal Tajadod por Teerã, onde nasceu e viveu até os 17 anos. Acompanhada da filhinha pequena, Kiara, cujo pai é o cineasta Jean-Claude Carrière, ela vai visitar a terra natal, rever parentes e amigos e tentar renovar seu passaporte iraniano – ela é também cidadã francesa. Percebe-se que vai com frequência, tem até mesmo um apartamento na cidade.

Desde as primeiras páginas do livro – dividido em capítulos correspondentes aos dias da semana, um sábado até a terça-feira da segunda semana – o cotidiano e os afazeres aparentemente sem importância ou só pessoais vão compondo o conjunto das características de um país, de relações humanas muito particulares, de uma sociedade e cultura. Surge,

1. TAJADOD, Nahal. *Passeport à l'iranienne*. Paris: JC Lattès, 2007.

como pano de fundo, um esboço do regime autoritário e fundamentalista, e das fortes reações em direção à liberdade que ela vai observando em quem encontra.

Tudo gira em torno da tarefa insana de documentação, com a burocracia e os estratagemas necessários para fugir à espera interminável. Ao acaso, ela recorre a fotógrafos seus vizinhos, que se oferecem para resolver todos os seus problemas, desde estofar cadeiras e instalar ante-

A T O

na parabólica ilegal no Irã até apresentá-la a um médico legista capaz de tornar mais ágil, segundo prometem, a obtenção do passaporte. Vamos nos inteirando, nas páginas bem humoradas de Nahal, do “jeitinho” iraniano, combinado a estratagemas de toda sorte para burlar regras e valorizar supostos serviços úteis. O médico legista tem influência junto a militares por dissecar cadáveres e talvez fazer tráfico de órgãos – mas após muitas peripécias, sua intervenção mostra ser inútil. Nahal perde horas e dias no trânsito iraniano, pior que o de São Paulo ou da cidade do México, em providências kafkianas sem resultado.

Essas aventuras permitem-lhe, porém, contar-nos como é a vida dos iranianos. Para tirar a fotografia do passaporte, entrar nas repartições públicas, ou mesmo circular nas ruas, as mulheres são obrigadas a esconder qualquer mecha de cabelo, saltos altos, unhas pintadas, batons, trajes ocidentais ou considerados impudicos. Disfarçam-se sob vestes largas ou chador. Funcionárias examinam quem entra nos prédios do governo, vasculham roupas e bolsas, buscando o que é proibido. As mulheres não podem dar a mão ou olhar os homens, nem sequer amigos ou parentes com quem tinham a maior intimidade. Patrulhas de costumes prendem os desobedientes, jovens em grande maioria, multam-nos, e se não pagam, submetem-nos a castigos corporais. Bebidas alcoólicas, vinho, nem pensar. Todos se tratam de você, jamais senhor ou senhora. Depois

da Revolução de 1979, as mulheres são chamadas sempre de mãe, o que irrita Nahal sobremaneira. No entanto, todos infringem as regras. As funcionárias oferecem comida a uma Nahal desfalecendo de fome, admiram (e ganham) o batom encontrado na bolsa, reclamam da rigidez que “eles” lhes impõem. Os taxistas a tratam por senhora com o respeito de tempos antigos, seus visitantes fotógrafos ou outros lhe dão a mão. As mulheres passam férias em Dubai, paraíso sonhado das iranianas burguesas, exibindo bikinis nas praias e usando decotes. Nos restaurantes vêem-se casais de namorados camuflando carícias, cafés de lésbicas, roupas colantes e mocinhas magras usando perfumes e bolsas ocidentais. Há uma solidariedade tácita e generalizada, inventiva, contra a mão de ferro das normas opressivas. Contrabandistas obtêm vinho e outras bebidas, assim como caviar a preços baixos. Bebe-se muito nas embaixadas, fabrica-se um (péssimo) vinho doméstico servido em garrafas de coca-cola. Antes, diz Nahal, os iranianos bebiam na rua e rezavam em casa; agora exibem a religião nas ruas e bebem escondidos em suas salas. A revista Vogue e outras de modas são prestigiadas, e a empregada de Nahal morre de ciúme quando ela oferece alguns exemplares aos fotógrafos cuja irmã é costureira. Tudo é possível, debaixo do pano. Sentimos a alegria de mudanças inevitáveis, que virão do anseio de liberdade da população como um todo. E do desejo de consumo (nem sempre um belo modelo).

(Antes de 1979, estrangeiros visitantes conseguiam manter o comportamento e roupas que eram seus, como eu mesma pude observar. Diante das condições atuais, é extraordinário pensar que viajei por todo o Irã usando uma mini-saia e uma camiseta decotada – hoje seria presa na primeira esquina, se estivesse na Teerã do livro de Nahal. Era 1970, época do xá Pahlevi. Muito jovem, magrinha, ingênua, enfrentava o calor insuportável do mês de julho, sem me dar conta de ofender ou entrar em choque com os costumes do povo que desejava conhecer. Exibi minhas pernas em Teerã, Ispahan, Shiraz, Persépolis, sem jamais ser submetida a qualquer inconveniência ou insulto. Uma vez, ao sair sozinha pelas ruas de Teerã, uma pequena multidão de meninos de dez a doze anos cercou-me, deitou-se no chão, e olhou para cima, para o que devia lhes parecer o céu, encoberto apenas pela pouca metragem de pano azul marinho. Eu achei graça e nos tratamos com gentileza recíproca. Com as mulheres, vestidas de negro, ainda com o rosto descoberto, eu me sentia inteiramente à vontade, e “conversávamos” como velhas cúmplices e amigas, com uma palavra mágica, Pelé, identificando meu país e origem, abre-te sésamo da geografia desconhecida.)

O refinamento dessa cultura milenar, muito anterior ao islamismo e aos árabes – que também criaram um denso universo artístico e literário – é aparente nos pequenos eventos diários. Há o hábito do “tarof”, de recusar gentilezas ou oferecimento de comida e presentes, espécie de pechincha às avessas, que retarda em ritual a aceitação de favores, como o pagamento de um jantar, um táxi, ou mesmo uma transação comercial. As iguarias elaboradas, sucos e doces coloridos, mesmo em lugares populares, dão água na boca. As fórmulas de polidez são poéticas, como por exemplo “que vossa alma saboreie a doçura dessa sobremesa...” e assim por diante. A hospitalidade e o calor humano dissolvem a impessoalidade de uma grande metrópole, lembrando um Brasil arcaico.

E sobretudo a apreciação da poesia e da literatura clássica, oral e escrita, em toda parte e a toda hora. Matando a fome em um boteco, depois de um dia de peregrinação infrutífera pela burocracia, Nahal e seu amigo tradutor de Balzac para o farsi ouvem um contador recitar o começo do *Shahnameh* ou *O livro dos Reis*, epopeia mítica da Pérsia antiga, de Ferdowsi, poeta do século X, exaltando os feitos de uma heroína guerreira. Todos conhecem e sabem de cor.

Quando Nahal já achava que demoraria meses para conseguir o passaporte, antevendo o marido ansioso ir sem ela ao Festival de Cannes, e temendo não chegar a tempo para sua própria conferência na França sobre a relação entre budismo e sufismo, uma jornada mágica é a reviravolta. Ela vai com a tia e a filhinha visitar Fayaz, o mais famoso marionetista do Irã, para convidá-lo, em nome de Jean-Claude, para o festival de teatro de Montpellier. Nessa tarde feérica, em que os personagens dos clássicos são encenados pelos bonecos, o marionetista oferece a influência de um amigo presente, oficial ligado às autoridades, que no dia seguinte, com manobras sutis e clandestinas, consegue em minutos o passaporte perdido. Trata-se de um admirador da arte francesa e de Jean-Claude, que apoiou muitos grandes artistas famosos em viagem ao Irã.

Ao encanto do espetáculo de marionetes soma-se uma coincidência mágica: a casa que visitaram é vizinha àquela onde a tia que a acompanha, e a avó de Nahal moraram há quarenta anos. A tia conserva uma chave da casa que nunca mais vira, e abre agora o cadeado do portão...

Ao cenário do Irã, Nahal acrescenta, em pinceladas esparsas, muito sobre sua vida. É filha de escritores estudiosos ilustrados em muitos

campos. Seu pai traduziu para o persa o *Fihrist* de al-Nadim, um célebre catálogo árabe do século X. A mãe, de origem curda, pintava, cantava, escrevia. Tinha terras na região de Mâzandarân, onde seus ancestrais instalaram-se no século XVI, a convite dos reis safavidas. Nahal evoca um belo amor da adolescência, aos quatorze anos, uma verdadeira poesia. Também em seu romance sobre a vida de Roumi, Nahal faz uma sedutora referência à sua vida pessoal, contando que tentou durante dez anos ter filhos, e o nascimento de Kiara atrasou a publicação do livro, mas foi, como num verso de seu personagem, “sangue transformado em leite”. Sua biografia romanceada de Roumi, escrita na primeira pessoa, na voz masculina, é de uma extrema delicadeza ao tratar as formas amorosas diversas e a experiência mística, e muita habilidade ao recriar o clima histórico e o personagem – um livro cuja tradução para o português é indispensável.²

Nahal tem uma relação indireta com o Brasil – seu marido Jean-Claude é o roteirista de “Brincando nos campos do senhor”, filme de Hector Babenco, e conhece bem a Amazônia e a cultura brasileira. A artista Federica Matta, que morou no Brasil e fala português, filha do grande surrealista chileno Roberto Matta, é amiga e colaboradora do casal, e publicou com Nahal, entre outras coisas, um livro encantador, *Sur les pas de Rûmi*, para o qual fez belíssimas ilustrações.³

Quais as mudanças profundas no Irã atual? Como este povo fascinante conseguirá transformar-se? Por enquanto, aproveitemos todas as pontes para aprofundar o conhecimento dessa atraente tradição da amada terra de Nahal, até agora mais difundida entre nós através do cinema.

Quais as mudanças profundas no Irã atual? Como este povo fascinante conseguirá transformar-se?

2. TAJADOD, Nahal. *Roumi Le brûlé*. Paris: JC Lattès, 2004.

3. MATTA, Federica e TAJADOD, Nahal. *Sur les pas de Rûmi*. Paris: Albin Michel, 2006. Prefácio de Jean-Claude Carrière.

BETTY MINDLIN

é doutora em antropologia e autora de *Diários da floresta*, da Editora Terceiro Nome, 2006, e de sete livros em co-autoria com narradores indígenas.

TRÊS POEMAS LUNARES

Ronald Claver

A lua tem dois lados
O lado que vemos
E o lado que desejamos ver

De um lado tem Jorge
Ogum guerreiro passeando
Num mar de tranquilidade
Com as botas astronautas

Do outro lado é onde
Reside o mel da sedução
O possível paraíso
O porto inseguro do amor

É lá que você está
E para lá que quero ir.

Não importa o rádio ligado
o som alto, a voz rouca
não me importa se a lua
está cheia, minguante ou nova
Não importa a cerveja gelada
teu olho triste, a voz amarga
Não, não me importa nada
O que me importa
é teu olho triste, a cerveja gelada
a lua nova ou minguante
A lua

Quando a lua parnasiana e pálida aparece redonda vagalumeando na outra margem do rio meus sonhos são verdes e imaturos. Os seios da moça amada, imaginada são luas que quartocrescem nos olhos e no desejo. Quando mocinhos e bandidos duelam ao sol, Marilyn Monroe é pecado que mora no lado esquerdo. Quando do outro lado da rua, a lua – atlântica e romântica – ilumina minhas lembranças, Brigitte Bardot, minha namorada nada secreta, escorre em mim, água sempre morna, no banheiro do colégio interno, onde Deus tudo vê, espreira e pune. Quando o topete de Elvis Presley é minha guitarra e não danço o último tango de Brando em Paris e Garrincha entorta o mundo com seu jeito de torto de driblar a vida, a lua é moderna e poluída sem brilho, violão ou janela. É elétrica e dá choque.

RONALD CLAVER

mineiro da Capital, é professor, poeta e atleticano fanático. Entre muitos de seus prêmios estão o “Nestlé de Literatura”, o “Cidade de Belo Horizonte” e o “Casa de las Americas”, de Cuba.

Eu também já me apaixonei por uma mulher loura. Daquele tipo muito boa, muito bonita, muito branca. Daquelas que chamam a atenção onde chegam e são sempre o centro das atenções. Cada dia um penteado diferente, a maquiagem, a roupa. As roupas, sim: podem usar um macacão de frentista e ainda são sensuais. Mas sempre estão com uma roupa bonita, especial, mesmo que seja um macacão de frentista. Umas que fazem tudo com charme e elegância e têm classe de verdade. Sabe quando elas acendem um cigarro? As luzes se acendem, a humanidade vira coadjuvante e a gente até ouve um diretor gritando ação!

E então elas jogam a guimba no chão e isso não faz mal. Mas você já parou para pensar em quantas guimbas são jogadas no chão todos os dias? Não estou pensando nas que passam pelo cinzeiro, lata de lixo, caminhão de lixo, lixão. Mas aquelas que são varridas pelo vento e acabam caindo nas sarjetas, entupindo tudo. Tente imaginar quantos cigarros a loura essa já fumou na vida. Faça as contas de quantas guimbas ela já mandou para a rede da sua cidade. Dá uma montanha! Imagine tudo isso nos esgotos atrapalhando o trânsito de outras coisas que passam ali e deveriam ter prioridade. Não te parece assustador?

Conto de Sérgio Fantini

Bons motivos para se matar

Desenho (nanquim sobre papel cartão) de Verônica Giuliana





Essa mulher tinha um cachorro pequeno, simpático, mas que latia muito alto. Daqueles latidos que dão até dor de cabeça. Daqueles cães que nunca ficam quietos, estão sempre bufando e correndo em círculos. E apesar de pequeno ele conseguia pular muito alto. As roupas nunca paravam no varal, ele puxava e fazia uma bagunça danada, estragava tudo. Eu dizia a ela para subir o varal, poderia fazer isso sozinho. Mas alguma coisa não funcionava bem na sua cabeça e o cãozinho continuava estragando suas roupas e minhas cuecas.

Ele não obedecia suas ordens e ela não seguia meus conselhos. Sabe essas pessoas que sempre acham que estão certas? Elas acham com tanta convicção que a gente chega a duvidar se elas erram. Não é fácil conviver com gente assim. A gente chega a duvidar das convicções da gente. Eu sempre gostei de cães, mas passei a pensar se sempre gostei mesmo ou se só passei a gostar depois que a conheci. Porque tentava me lembrar dos cães que tive e só conseguia lembrar de fatos desagradáveis: um que fugiu de casa para morrer, um que fazia xixi no tapete, um que amava as pernas das visitas, um que foi envenenado pelo vizinho, um que foi atropelado (não, o atropelado era de uma prima), enfim. Muitas dúvidas diante de tanta certeza.

Ela tinha certeza mesmo depois que a realidade mostrava o contrário. Por algum motivo a realidade é que havia se desviado do caminho certo (que ela determinara). Um perigo essas mulheres louras cheias de convicção por quem a gente se apaixona.

Por isso eu me apaixonei também por uma mulher negra. Eu não cheguei a ter um romance de verdade com ela. Nunca fomos para a cama, não paguei sorvete para ela, ela não me deu um beijo de boa noite na porta de casa. Ela nem sabia da minha existência e continua sem saber. Mas eu não passava um dia sem pensar nela. Foi no mesmo período das minhas relações íntimas e belicosas com a loura.

Eu a via todos os dias na tevê, nos cartazes, nas revistas e para todo lugar que eu (e toda a cidade) olhasse. É uma atriz famosa, um pouco fora de moda, que tinha muitas opiniões quando abria a boca. E como ela a abria muito, tinha opiniões de todos os sabores. Para mim era o paraíso estar apaixonado por uma mulher que a cada dia apostava numa ideia. Ela era volúvel, linda, talentosa, sedutora. Hoje anda mais pra lá do que pra cá, mas teve seus dias de glória. Diferente da família de mendigos que há alguns dias se mudou para a calçada aqui perto de casa. Todas as noites, quando volto para casa, passo por eles. Eles ocuparam o espaço de tal modo que preciso caminhar pela rua. E se instalaram para ficar: um dia vi a mulher cozinhando algo junto ao muro, enquanto a menina varria a frente da casa, que vem a ser os cerca de sete metros de rua onde eu passo.

Ontem descí do ônibus quase meia-noite. De longe vi o homem sentado no meio-fio riscando o chão com um pedaço de gesso. Enquanto me aproximava, vi que ele havia desenhado vários rostos no asfalto e estava resmungando: “como é mesmo a cara do meu filho?”

SÉRGIO FANTINI

mineiro de Belo Horizonte, poeta e ficcionista, lançou, recentemente, o livro de contos *A ponto de explodir*.

Fabrício Marques

SALTO ALTO

Sem o salto alto
ela é apenas
linda de morrer

Mas, com ele,
Urde-se a curvilínea artimanha
que alucina, aos sobressaltos,
o centro de gravidade do corpo.

Que galope de centelhas!
Que passeio de faíscas!

Una furtiva lacrima anuncia
a protofonia aos quatro ventos:

Vai passar o desfile de veludo
– Que pelúcia, que tudo!
Vai passar o felino invento

– o mistério da mulher de salto alto
que ultrapassa todo entendimento



Ilustração de Joana Rena

FABRÍCIO MARQUES

autor de "samplers" (2000), entre outros. Este poema faz parte do inédito *Labor*, contemplado com a Bolsa Funarte de Criação Literária em 2008.